



## O Rebate – um relato sobre o primeiro jornal impresso de Juazeiro do Norte<sup>1</sup>

Naiara Carneiro de OLIVEIRA<sup>2</sup>

José Anderson Freire SANDES<sup>3</sup>

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

### Resumo

*O Rebate* foi o pioneiro no jornalismo impresso da cidade de Juazeiro do Norte<sup>4</sup>. Fundado pelo padre Joaquim de Alencar Peixoto, funcionou de 18 de julho de 1909 a 03 de setembro de 1911. Foi criado para apoiar o movimento que reivindicava a emancipação política de Juazeiro, que na época era um povoado da cidade do Crato<sup>5</sup>. Através de revisão bibliográfica e da análise documental das edições disponíveis de *O Rebate*, recontamos sua história e identificamos nele características marcantes do jornalismo produzido no Brasil durante a transição do século XIX para o século XX.

**Palavras-chave:** Jornalismo impresso; História do jornalismo; Juazeiro do Norte.

### 1. Introdução

O presente trabalho aborda a história do jornalismo impresso na cidade de Juazeiro do Norte. Selecionamos como objeto para análise o jornal impresso *O Rebate*, primeiro jornal de Juazeiro, que funcionou no início do século XX. A ausência de bibliografia que analise *O Rebate* através da perspectiva comunicacional é uma das justificativas para a realização desta pesquisa. Nas obras que se dedicam à história de Juazeiro *O Rebate* é apresentado apenas como um dos agentes que impulsionou a autonomia política do povoado, que na época era pertencente ao município do Crato. Contudo, não encontramos bibliografia que se aprofunde na discussão em torno da contribuição de *O Rebate* para o jornalismo no Cariri.

Por isso, propomos com essa pesquisa uma análise de viés histórico, na qual ressaltamos o caráter do jornal como fonte documental para a pesquisa de acontecimentos do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no II01 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Recém-graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Cariri - UFCA, email: [naiaracarneiro@alu.ufc.br](mailto:naiaracarneiro@alu.ufc.br)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri - UFCA, email: [josesandes@cariri.ufc.br](mailto:josesandes@cariri.ufc.br)

<sup>4</sup> Juazeiro do Norte é uma das nove cidades que compõem a Região Metropolitana do Cariri. Possui 261.289 habitantes (IBGE 2013) e fica a 533 km da capital Fortaleza.

<sup>5</sup> Crato é uma das nove cidades que compõem a Região Metropolitana do Cariri. Possui 123.963 habitantes (IBGE 2012) e fica a 567 km da capital Fortaleza.



passado. De acordo com Capelato (1988, p. 24) “o documento é resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da sociedade que o produziu e também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver esquecido ou manipulado”. Portanto, é importante destacar que o documento impresso não deve possuir o status de portador da verdade absoluta. O objetivo da pesquisa histórica não deve ter a pretensão de recriar o passado tal qual o mesmo aconteceu, e sim interpretá-lo e fazê-lo compreensível para que sirva ao momento presente. Ao pesquisador, cabe fazer emergir a complexa estrutura de significados possíveis a serem considerados válidos.

Temos como objetivo descrever a história de fundação e a estrutura de *O Rebate*, além de comentar como se deu parte de sua atuação. Para isso, sintetizaremos as principais alterações que ocorreram no jornalismo brasileiro na passagem do século XIX para o século XX, localizando *O Rebate* nessa fase de transição do jornalismo nacional; contextualizaremos *O Rebate* no período em que foi criado, apresentando condições temporais, espaciais, políticas e culturais nas quais ele surgiu, pois, para um meio de comunicação que não se encontra mais em atividade é indispensável que se compreenda, ainda que parcialmente, o que motivou sua existência, o conteúdo que por ele foi difundido, de que forma isso foi feito e por quem foi feito.

Romancini (2010) assinala o fato de estudos localizados permitirem a análise em profundidade de um curto período, ou de determinados veículos e temas. Barbosa (2010, p. 120) reforça observando que “é preciso que os que se interessam pelo estudo da história da imprensa se voltem para a particularização das regiões, construindo mais histórias localizadas em espaços sociais específicos, do que enfaixando suas análises sob a ideia da totalidade”. Essas pesquisas empíricas de recorte micro-analítico tornam-se subsídios para as pesquisas de abordagens amplas sobre a história da imprensa.

## **2. Jornalismo brasileiro no início do século XX**

No Brasil, a passagem do século XIX para o século XX foi marcada por importantes acontecimentos de ordem social e política, como a abolição do trabalho escravo, em 1888, e a mudança do regime de governo da Monarquia para a República, em 1889. Na imprensa, observando-se aqui as capitais mais importantes do país na época, iniciavam-se significativas alterações. Sodré (1999, p. 261) assinala que “nos fins do século XIX



[...] a imprensa artesanal estava sendo substituída pela imprensa industrial. A imprensa brasileira aproximava-se, pouco a pouco, dos padrões e das características peculiares a uma sociedade burguesa”.

As modificações são perceptíveis tanto no conteúdo como na inserção de equipamentos modernos, que os jornais passaram a importar de outros países, capazes de imprimir maior número de páginas em menor tempo e com melhor qualidade.

De acordo com Sodré (1999, p. 275) na passagem do século XIX para o século XX vive-se a:

[...] transição da pequena à grande imprensa. Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas [...]. O jornal como empreendimento individual, como aventura isolada, desaparece, nas grandes cidades. Será relegado ao interior [...].

A economia dos períodos colonial e imperial, pautada principalmente nas atividades agrícolas, com o fim da escravidão, era lentamente substituída por modelos de produção capitalista. Nos grandes centros do país, a vida urbana começava a se sobressair sobre a rural. Esses fatores, junto à tendência de importação de comportamentos estrangeiros, influenciaram não só a política e a ascendente sociedade burguesa como também o novo formato do jornalismo nacional.

A melhoria no sistema de Correios e telégrafos e na rede de transportes, possibilitou que a distribuição dos periódicos se tornasse mais rápida e que chegasse a mais regiões. O período também foi marcado, segundo Luca (2008, p. 150), pelo “ideal de reformar o ensino e disseminar o letramento, prosperidade trazida pelo café, crescimento dos centros urbanos e do setor de serviços [...], circunstâncias que favoreciam e demandavam a circulação da informação”. A leitura dos jornais passou a ser um hábito cotidiano em bares, cafés e confeitarias.

A imprensa se diversificava. “Ao lado dos jornais diários, proliferaram revistas mundanas, periódicos críticos e literários, impressos que falam exclusivamente do mundo do trabalho, entre centenas de publicações” (BARBOSA, 2010, p. 118). Os pasquins de



duracão efêmera, que surgiam para defender abertamente um interesse particular, uma bandeira ou movimento político específicos, davam lugar a periódicos mais elaborados.

Os jornais passaram a tratar dos mais diversos assuntos, além da política, dando destaque também ao entretenimento. Com a chegada das agências de notícias os assuntos internacionais ganharam espaço e começou a propagar-se o discurso da imparcialidade. “Agora, os textos pretendem, sobretudo, informar, com isenção, neutralidade, imparcialidade e veracidade, sobre a realidade. E esses adjetivos se repetem nos periódicos” (BARBOSA, 2010, p. 121). A informação ganhou prioridade sobre a opinião e ambas agora estavam claramente diferenciadas e identificadas em colunas distintas.

Apesar de alguns desses jornais ainda dependerem financeiramente dos investimentos do poder público, os anúncios publicitários ganharam cada vez mais destaque em suas páginas. Aos poucos, a manutenção financeira da imprensa começou a depender majoritariamente desses anúncios, que agora dividiam espaço privilegiado junto às notícias mais importantes.

O investimento em equipamentos exigia que as redações fossem transferidas para prédios maiores. Começou a ser estabelecida a divisão do trabalho nas redações. De acordo com Luca (2008, p. 150) “as funções de proprietário, redator, editor, gerente e impressor, que antes, não raro, concentravam-se num único indivíduo, separaram-se e especializaram-se”. Cada funcionário agora desempenhava uma função exclusiva.

Contudo, as cidades do interior do país demoraram mais para sentir os efeitos dessas transformações. Os antigos equipamentos rudimentares eram vendidos aos pequenos jornais interioranos (SODRÉ, 1999). Enquanto nos grandes centros vivenciava-se a euforia da modernização, o interior custava em abandonar as relações políticas, econômicas e sociais que iam tornando-se obsoletas com a crescente ascensão da burguesia urbana. A *política dos governadores*<sup>6</sup> contribuía para essa estagnação, pois

---

<sup>6</sup> “A política dos governadores foi um sistema político não oficial, idealizado e colocado em prática pelo presidente Campos Sales (1898 – 1902), que consistia na troca de favores políticos entre o presidente da República e os governadores dos estados. De acordo com esta política, o presidente da República não interferia nas questões estaduais e, em troca, os governadores davam apoio político ao executivo federal.” Disponível em: <[http://www.historiadobrasil.net/brasil\\_republicano/politica\\_governadores.htm](http://www.historiadobrasil.net/brasil_republicano/politica_governadores.htm)>. Acesso em: 18 mar. 2014.

estimulava a conservação das oligarquias rurais. Tal resistência também se percebia na imprensa:

[...] a de caráter artesanal subsistia no interior, nas pequenas cidades, nas folhas semanais feitas em tipografias, pelos velhos processos e servindo às lutas locais, geralmente virulentas; nas capitais já não havia lugar para esse tipo de imprensa, nelas o jornal ingressara, efetiva e definitivamente, na fase industrial, era agora empresa, grande ou pequena, mas com estrutura comercial inequívoca. Vendia-se informação como se vendia outra qualquer mercadoria (SODRÉ, 1999, p. 275).

Longe das capitais, os periódicos geralmente eram de curta duração e surgiam motivados por interesses de ordem política, ou seja, eram doutrinários, defendiam abertamente determinada bandeira ou opinião. E para isso não hesitavam em publicar textos com linguagem violenta, repletos de acusações e com ofensas pessoais contra os adversários políticos (SODRÉ, 1999). Nesse período, apesar dos altos índices de analfabetismo em todo o país, as mensagens divulgadas surtiam efeito porque a leitura do jornal geralmente era feita “[...] em voz alta nas rodas noturnas familiares e pelo menos quatro pessoas tomam conhecimento do conteúdo de um único número [...]” (BARBOSA, 2010, p. 125).

Os interesses particulares eram também claramente defendidos pelas folhas impressas no interior, pois o jornalismo ainda não havia ingressado no modelo empresarial, onde o lucro passou a orientar a produção ao invés das convicções políticas, como antes era habitual. A opinião ainda não havia dado lugar à informação com o ilusório caráter de imparcialidade. Os jornais serviam de munição nas batalhas políticas e ideológicas (SODRÉ, 1999). No estado do Ceará, o jornalismo viveu essa fase transitória em que se mantinham algumas características do século XIX enquanto, a passos lentos, iam se apropriando da modernização que chegava junto com o século XX.

O Ceará demonstrou-se um local produtivo para a criação de jornais. Ainda na década de 1820, quando circulou o primeiro jornal cearense, a imprensa do estado “foi uma das poucas que se sobressaíram, pois apenas o Rio de Janeiro, Pernambuco e a Bahia tiveram maior número de periódicos” (NOBRE, 2006, p. 61). De uma perspectiva geral, as publicações que circulavam no Ceará na virada do século XIX para o século XX eram iniciativas geralmente de grupos estudantis, em alguma medida ligados à Igreja



Católica ou ligados a grupos políticos. Houve também nesse período intensa produção literária (NOBRE, 2006).

No Sul do estado, o próspero desenvolvimento econômico atraiu para a região do Cariri, além de comerciantes e investidores de outras regiões, advogados e intelectuais que se dedicavam ao jornalismo. Junto com o expressivo desenvolvimento houve as condições para a criação do primeiro jornal da região, que foi fundado no Crato em 1855, com o nome de *O Araripe*. O semanário se manteve em atividade por dez anos e surgiu para dar base ao movimento que defendia a criação da província do Cariri (DELLA CAVA, 1976). Outros títulos de menor duração continuaram sendo criados no interior, mesmo com poucas condições técnicas.

“A imprensa interiorana, apesar de suas limitações, teve, no período de 1900 a 1909, uma fase verdadeiramente áurea [...]” (NOBRE, 2006, p. 130). Foi justamente em 1909 que o Crato viu surgir em um dos seus povoados um jornal que foi criado para fazer ecoar pelo Cariri a aspiração por independência. “Entre 1904 e 1909, apareceram mais de 11 jornais em apenas três cidades do Vale. Deles, dois no Crato, dois em Barbalha e *O Rebate* em Joazeiro tiveram vida longa e raramente deixaram de sair nos dias pré-estabelecidos” (DELLA CAVA, 1976, p. 173). *O Rebate* nascia para fazer frente ao periódico cratense *Correio do Cariry*<sup>7</sup>. O distrito insurgia-se contra a cidade sede. O embate foi registrado pelas páginas dos respectivos periódicos adversários. O jornal *O Rebate*, além de ter sido o primeiro jornal de Juazeiro, foi um dos protagonistas da luta pela sua independência política.

### 3. Histórico e estrutura de *O Rebate*

O jornal *O Rebate* foi criado no ano de 1909, no ainda povoado de Joazeiro<sup>8</sup>. Sua primeira edição circulou em 18 de julho daquele ano. A partir de então, com poucas exceções, seria publicado semanalmente aos domingos, no período vespertino, até 03 de

---

<sup>7</sup> O *Correio do Cariry* foi um periódico da cidade do Crato. As edições saíam aos domingos e de acordo com Pinheiro (1950), o jornal era um órgão do Partido Republicano cratense, que teve como diretor político o coronel Antônio Luiz Alves Pequeno e como gerente Antônio Nogueira Pinheiro. “Esse jornal viveu cerca de oito anos, influenciando diretamente nas lutas políticas de então. Manteve acre polêmica com *O Rebate* de Juazeiro. Circulou de 11 de setembro de 1904 a 1912” (PINHEIRO, 1950, p. 180).

<sup>8</sup> Grafia original anterior ao ano de 1943, quando em 30 de dezembro, pelo Parecer do Conselho Nacional de Geografia, o município passou a chamar-se Juazeiro do Norte (MACHADO, 2011).



setembro de 1911, quando encerraria suas atividades, somando ao todo 104 edições. *O Rebate* nasceu com o objetivo de “advogar a causa da autonomia de Juazeiro” (OLIVEIRA, 1989, p. 146), já que o povoado havia crescido em número de habitantes e se encontrava em condições econômicas de se tornar uma vila emancipada de sua cidade sede.

Se deixasse de ter a obrigação de pagar os altos impostos ao Crato, Juazeiro poderia investir esses recursos no desenvolvimento de sua própria urbanização. Della Cava (1976, p. 144) diz que em 1909 Juazeiro já possuía iluminação pública a querosene e contava com “uma estação de telégrafo, uma agência de correios, um tabelião e uma repartição da Coletoria de Impostos do estado”. Barros (2008, p. 285) descreve a estrutura do povoado no início do ano de 1909:

O lugarejo se transformara por completo. Em 1909, o recenseamento registra 15.050 habitantes, distribuídos em 18 ruas, 4 travessas etc. A povoação conta 2 praças, 138 oficinas de sapateiros, carpinas, marceneiros, fogueteiros, funileiros, ferreiros, ourives, pintores, fundição, barbeiros, alfaiates e modistas. Possui também 2 padarias, 2 farmácias, 20 lojas, 20 bodegas, 10 armazéns, 2 escolas públicas e 12 particulares, 1 tipografia, 2 cemitérios, 1 igreja, e 1 bolandeira de algodão.

O rápido crescimento de Juazeiro deve-se à presença do Padre Cícero Romão Batista<sup>9</sup> e de seus trabalhos de evangelização e orientação no povoado. Além disso, a partir do ano de 1889, com os acontecimentos em torno do suposto milagre da hóstia transformada em sangue<sup>10</sup>, o padre tornou-se conhecido sertão afora. Rapidamente, transformou-se no respeitado líder de uma massa guiada pela fé. Deposto de suas ordens sacerdotais em 1892, viu-se impelido a ingressar na vida política, que no Vale do Cariri foi marcada por agressivas disputas pelo poder entre grandes coronéis. Por um bom tempo Padre Cícero foi tido como o pacificador de acirradas contendas. Contudo, não tardou a empenhar sua influência em impasses de maior gravidade. A diplomacia que lhe era característica demonstrou-se fundamental no processo de emancipação política de Juazeiro.

---

<sup>9</sup> Padre Cícero era natural da cidade do Crato e fixou residência em Juazeiro no ano de 1872, quando foi nomeado capelão da Igreja de Nossa Senhora das Dores pelo bispo da diocese do Ceará, Dom Joaquim.

<sup>10</sup> Fenômeno no qual a hóstia transformava-se em sangue na boca da beata Maria de Araújo. “O fato extraordinário repetiu-se todas as quartas-feiras e sextas-feiras da Quaresma, durante dois meses; do domingo da Paixão até o dia de festa de Ascensão do Senhor, por 47 dias, voltou a ocorrer diariamente” (DELLA CAVA, 1976, p. 45).



O Padre Joaquim de Alencar Peixoto foi o fundador, diretor e redator-chefe do jornal *O Rebate*. Natural da cidade do Crato, veio morar em Juazeiro no ano de 1907, mesmo sem a autorização de Dom Joaquim, bispo da Diocese do Ceará, e logo após romper relações com o coronel daquela cidade, Antônio Luiz Alves Pequeno. Della Cava (1976) relata que o Padre Alencar Peixoto tornou-se inimigo ferrenho e declarado do coronel Antônio Luiz, e apesar de não esclarecer o motivo do rompimento, acredita que sua mudança para Juazeiro e a criação de *O Rebate* para incentivar a autonomia política do povoado faziam parte de uma vingança política e pessoal do padre contra o coronel.

Antes de fundar *O Rebate*, Padre Alencar Peixoto já havia se dedicado à atividade jornalística em outros periódicos. Era um homem culto e bem instruído, que de acordo com Machado (2011, p. 267), gostava de estar sempre atualizado e a par de notícias que circulavam pelo país e pelo mundo. “Redigia com precisão, riqueza estilística, criatividade e versatilidade” (MACHADO, 2011, p. 267).

Na edição de *O Rebate* publicada em 25 de dezembro de 1910, há um texto que resume parte da fundação do jornal, mais especificamente de onde vieram os recursos para aquisição dos equipamentos, como o prelo tipográfico. Conforme esse texto, o Padre Alencar Peixoto utilizou as ações que possuía na *Empresa Sul do Ceará* e doações de amigos de Juazeiro para comprar o prelo desta mesma empresa, que foi enviado de Fortaleza e chegou a Juazeiro em maio de 1909 (JÚNIOR *apud* WALKER, 2010). O valor pago pelo Padre Alencar Peixoto no prelo foi de um conto cento e dezessete mil réis. “E, como não bastasse essa quantia, tirou do seu bolso o que precisava para as primeiras despesas e para o custeio do referido prelo. De modo que tão somente ao povo desta terra (Juazeiro) e ao nosso redator-chefe pertence a empresa de *O Rebate*<sup>11</sup>”.

Apesar do Padre Cícero não ter se envolvido diretamente na criação do primeiro jornal da localidade, ele também estava interessado na causa da independência de Juazeiro, ao imaginar que a emancipação político-administrativa do povoado influenciaria positivamente em sua campanha para que Juazeiro fosse sede da nova diocese do Estado e que, além disso, evitaria o confronto com armas entre Juazeiro e municípios aliados

---

<sup>11</sup> *O Rebate*, 25 de dezembro de 1910, p. 02.

contra a cidade do Crato (DELLA CAVA, 1976), que na época disputavam as terras do sítio Coxá<sup>12</sup>.

Padre Cícero não chegou a escrever artigo algum para *O Rebate*. Ao menos não há registro de sua assinatura ou autoria em nenhum deles. No entanto, foram publicados ao longo das edições os telegramas e cartas que ele enviou tanto ao governador do estado do Ceará, Antonio Pinto Nogueira Accioly, quanto ao coronel do Crato, Antônio Luiz Alves Pequeno, nos quais buscava negociar a autonomia política de Juazeiro.

Grande responsável pelo rápido desenvolvimento de Juazeiro, Padre Cícero passou a ser também protagonista na campanha pela emancipação do povoado. Uma imagem do patriarca veio impressa na capa da primeira edição de *O Rebate* (Figura 1). O jornal era impresso em quatro páginas, que de acordo com o pesquisador Renato Casimiro (2013) tinham dimensões de 50 centímetros de altura por 38 centímetros de largura (fechado). Tais medidas se aproximam do formato de jornal impresso que hoje conhecemos como *berliner*<sup>13</sup>.

Figura 1 – Capa da primeira edição de *O Rebate*, publicada em 18 de julho de 1909.



Fonte: Acervo digital do pesquisador Renato Casimiro.

<sup>12</sup> Terreno que o Padre Cícero havia comprado no qual existiam jazidas de cobre, mas que enfrentava na justiça problemas de litígio.

<sup>13</sup> Também conhecido como formato *berlinês*, *germânico* ou *européu*. De acordo com Pacheco (2011) esse formato apresenta dimensões de aproximadamente 48,2 cm de altura por 27,9 cm de largura, podendo apresentar variações.



O conteúdo ficava disposto em cinco colunas, medindo cinco centímetros de largura cada<sup>14</sup> e separadas por um fino traço. Encontra-se na última página da primeira edição, e em várias outras edições, a publicidade da tipografia de *O Rebate*, com as seguintes informações:

Typographia D'O Rebate, esta typographia encarrega-se de qualquer trabalho de impressão com máxima presteza e nitidez; imprime cartas, cartazes, cartões de visita, recibos, rótulos, facturas, annuncios, etc. O trabalho é feito com toda perfeição e asseio na machina *Felicia*, sendo os preços sem competência<sup>15</sup>.

A redação, gerência e tipografia, conforme consta no expediente do jornal, ficavam num prédio na Rua Padre Cícero, n° 343. Igualmente de acordo com informações presentes no expediente do jornal, o gerente de *O Rebate* era Felismino de Alencar Peixoto, irmão do Padre Alencar Peixoto. Além de gerente, Felismino foi, por algum tempo, um dos redatores do periódico.

Os simpatizantes do jornal podiam adquiri-lo através de assinatura anual ou semestral, que custavam os respectivos valores de 5\$000 (cinco mil réis) e 3\$500 (três mil e quinhentos réis). Apesar disso, conforme relata Machado (2011, p. 28), a maioria dos números de *O Rebate* foram distribuídos gratuitamente:

[...] principalmente aqueles nos quais se impunha uma maior divulgação em proveito da causa maior a que se destinava o jornal: a emancipação política de Juazeiro. Esses números gratuitos de *O Rebate* eram verdadeiras convocações a passeatas, à divulgação de boletins de advertências às alegadas ameaças de “Crato” a Juazeiro, ao Padre Alencar Peixoto e ao Padre Cícero.

Renato Casimiro (2013), através de relatos da senhora Angélica Melo, que presenciou diversas vezes, em sua juventude, a saída de *O Rebate* da tipografia, afirma que:

Ela e outras moças da sociedade pegavam alguns pacotes da edição e saíam pelas ruas, praça, residências, distribuindo os exemplares. [...] havia um clima festivo. A banda de mestre Pelúcio Macedo participava e havia um clima de campanha, de luta pela emancipação,

---

<sup>14</sup> Essas medidas foram obtidas através de uma reimpressão fac-similar da primeira edição de *O Rebate* que foi distribuída pela prefeitura de Juazeiro do Norte, em 18 de julho de 2009, como parte das comemorações do centenário da imprensa da cidade.

<sup>15</sup> *O Rebate*, 18 de julho de 1909, p. 04.



que o jornal realizava. Muitos exemplares saíam também daí pelo correio para cidades do país.

Contudo, segundo Casimiro (2013), não se tem informações sobre a quantidade de exemplares que eram impressos a cada edição. Essa informação não constava nem no próprio *O Rebate*.

De acordo com Machado (2011, p. 29), baseado em informações presentes na edição de *O Rebate* de 24 de outubro de 1909, “a tipografia de *O Rebate* era uma empresa acionária que buscava captar recursos para viabilizar seus investimentos, amortizar suas dívidas [...]”. As apólices da tipografia eram então disponibilizadas para serem adquiridas pelo valor de dez mil réis cada. Essa era uma das estratégias financeiras, além do valor pago pelas assinaturas, para ajudar a arcar com as despesas jornal e do funcionamento da tipografia. Além disso, de acordo com Casimiro (*apud* MACHADO, 2011, p. 13), a “seção de classificados e publicidade que pagava parte da conta de sua circulação gratuita [...]”.

Na capa de *O Rebate* constava ao topo o título do jornal, em caixa alta e negrito, em que a letra “R” envolvia o desenho de uma pena-tinteiro. Logo abaixo do título, uma linha com os nomes do estado e do país, seguidos pela data de publicação e pelo número da edição.

Na primeira coluna, da esquerda pra direita, vinha o expediente do jornal, com as informações anteriormente citadas. Abaixo, após o nome “Joaseiro do Cariry”, iniciava-se o editorial ou artigo de fundo. Esse artigo poderia ocupar todas as colunas da capa e chegar até a segunda página. Caso o primeiro artigo não fosse tão grande, a capa ainda traria outros artigos e textos diversos, que poderiam ser contos, telegramas, cartas. O padrão e *layout* de capa só eram modificados por ocasião de alguma data comemorativa, como o aniversário de algum dos redatores, aniversário do próprio *O Rebate*, homenagem póstuma, ou em decorrência de algum artigo de maior destaque. As ocasiões comemorativas podiam alterar também o dia de circulação do jornal, que deixava de sair aos domingos para sair na data do acontecimento que se pretendia homenagear.



Nas páginas dois e três, publicavam-se seções que, apesar de não serem constantes em todas as edições, saíam com determinada frequência. Através de alguns recursos gráficos, como a utilização de caixa alta, negrito e itálico, as palavras soltas indicavam a mudança de assunto, dividindo o periódico em seções: *Várias* trazia telegramas, cartas e curiosidades diversas; em *Letras* havia publicação de um soneto; *Philosophia* trazia textos que discutiam alguns temas a partir da reflexão filosófica; *Religião* era a explanação de assuntos religiosos; *Policultura* falava sobre botânica e ecologia; *Rodapé* trazia contos e narrativas diversas; *Chímica Doméstica* apresentava técnicas de lidar com tarefas de limpeza doméstica e receitas culinárias; *Mosaico* era uma seção com frases de efeito sobre assuntos diversos; *Imprensa Regional* era o resumo das principais notícias da imprensa regional, como as dos periódicos *Correio do Cariry*, *A Cruz*, *Cetama*, *A União* e *O Lutador*; *Facécias* era uma seção com anedotas, piadas, trocadilhos cômicos e quadrinhas populares; *Avulsos*, trazia breves registros de acontecimentos recentes da região; *Álbum Social* era uma seção que estampava alguns eventos da sociedade caririense, como aniversários entre outras solenidades comemorativas. Esporadicamente também eram publicados avisos, ou anúncios de proprietários procurando por seus animais perdidos.

A última página era reservada para anúncios publicitários de lojas, armarinhos, farmácias, etc., de Juazeiro e das cidades de Crato e Barbalha, que após algumas edições vieram antecidos pelo título *Commercio do Cariry*. Posteriormente a publicidade chegou também à parte inferior da página três. Segundo o pesquisador Renato Casimiro (*apud* MACHADO, 2011, p. 13), *O Rebate*:

[...] contemplava assuntos nacionais e regionais, políticos, sociais, culturais [...]. [...] muitas vezes publicou literatura de cordel, de poetas como Leandro Gomes de Barros, e o mesmo redator, padre Alencar Peixoto, destacou-se como cronista de grande expressão. [...] introdutor da xilogravura nas ilustrações de literatura de cordel e de outras matérias do jornal [...].

Além de Padre Alencar Peixoto e de seu irmão, Felismino Alencar Peixoto, *O Rebate* contou com a colaboração de outros importantes redatores. Entre eles estavam o advogado juazeirense, José Ferreira de Menezes, o professor e jornalista cratense, José Joaquim Teles Marrocos, e o médico baiano, Floro Bartolomeu. *O Rebate* também estava aberto para receber artigos de leitores.



Antes de mudar-se para Juazeiro, Floro Bartolomeu “havia trabalhado como jornalista, tabelião e médico itinerante nos sertões da Bahia e de Pernambuco” (DELLA CAVA, 1976, p. 163). Foi juntamente com o Padre Alencar Peixoto, um dos principais redatores de *O Rebate*, sendo o responsável por alguns dos artigos mais importantes na defesa da autonomia política de Juazeiro e na defesa da honra do Padre Cícero, com os quais contribuiu para incitar a polêmica travada com o periódico *Correio do Cariry* (DELLA CAVA, 1976). Em pouco tempo o Dr. Floro adquiriu a confiança do Padre Cícero e a simpatia do povo de Juazeiro. Oliveira (1989, p. 146) resume a relação entre Dr. Floro, o Padre Cícero e o Juazeiro: “Acolhido em casa do Pe. Cícero, ficou sendo seu médico particular, depois mentor político e finalmente dono exclusivo de Juazeiro onde não se podia arredar uma palha, sem o seu conhecimento”.

#### **4. Considerações Finais**

As edições de *O Rebate* compõem um rico material para a pesquisa histórica acerca de diversos aspectos da sociedade de Juazeiro do Norte às vésperas de sua emancipação política. No que tange à história da imprensa apresenta também inúmeros elementos dignos de uma análise mais detalhada, como a construção dos discursos, a seleção de conteúdo, a polêmica travada com o jornal cratense *Correio do Cariry*, a interseção com a literatura, a questão da publicidade, as seções de entretenimento, entre outros. Todos esses aspectos certamente podem vir a ser objeto para pesquisas futuras.

Consumada por lei em 22 de julho de 1911, a autonomia política de Juazeiro levou à nomeação do Padre Cícero como primeiro prefeito do local em 04 de outubro do mesmo ano. Frustrado por não ter assumido a prefeitura de Juazeiro, como almejava, o redator-chefe, Padre Alencar Peixoto, em 03 de setembro de 1911 encerrou as atividades de *O Rebate* e logo após retirou-se do município recém-emancipado. Contudo, sua audácia e impetuosidade são reconhecidas pelos pesquisadores como de fundamental importância para o êxito do movimento emancipatório de Juazeiro. “Com os seus artigos envergou a bandeira da emancipação como um verdadeiro guerreiro, utilizando a arma da redação para desestabilizar adversários e lideranças que pusessem obstáculos aos seus ideais [...]” (MACHADO, 2011, p. 219).



*O Rebate* apresentava, em partes, uma atitude panfletária, que de acordo com Morel (2008, p. 37) se fazia eficaz por uma série de aspectos, como “capacidade de convencer e de atacar, espírito mordaz e crítico, linguagem literária, sátira, requerendo ao mesmo tempo densidade doutrinária e ideológica e agilidade para expressar, [...], uma visão de mundo geral e definida”. São resquícios característicos da imprensa do século XIX, principalmente dos pasquins que se pautavam através do ardor e patriotismo de seus ideais, nem que para isso precisassem se expressar, na maioria das vezes, por meio de insultos.

“Sem um projeto gráfico complexo; com uma diagramação realista para a época; o que sobressaía era a intrépida fortaleza de ideais [...]” (MACHADO, 2011, p. 34). *O Rebate* serviu, a sua maneira, a uma causa política, dando visibilidade a determinados assuntos e amplificando as polêmicas, ensaiando assim os primeiros passos da imprensa em Juazeiro do Norte como local privilegiado para a difusão de ideias e a promoção de debates.

Superando as adversidades financeiras, geográficas e estruturais da época, manteve-se ativo por um período de tempo relativamente grande. Circulou com considerável regularidade, deixando de ser impresso na data prevista raras vezes, geralmente por dificuldades técnicas ou de manutenção. Apresentou um corpo de redatores expressivamente competente em suas funções, muitos deles com experiência jornalística anterior. Além da causa primordial da independência política de Juazeiro, contemplou em suas páginas os mais variados assuntos. E por último, devemos destacar seu caráter inovador, por ter sido o pioneiro no jornalismo impresso de Juazeiro do Norte.

## 5. Referências

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil 1800 – 1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Juazeiro do Padre Cícero: A terra da mãe de Deus**. 2 ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2008.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.



CASIMIRO, Renato. Prefácio. *In*: MACHADO, Paulo. **A marcha da insurreição**: Joaseiro do Cariry 1907-1911. São Paulo: Schoba, 2011.

CASIMIRO, Renato. **Informações sobre o jornal O Rebate**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <renatocasimiro@terra.com.br> em 07 novembro 2013.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joaseiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

JÚNIOR, José Peixoto. *In*: WALKER, Daniel. **História da Independência de Juazeiro do Norte**. Juazeiro do Norte: HB Editora, 2010. p. 93.

MACHADO, Paulo. **A marcha da insurreição**: Joaseiro do Cariry 1907-1911. São Paulo: Schoba, 2011.

LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. *In*: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 149 – 175.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. *In*: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 23 – 43.

NOBRE, Geraldo da Silva. **Introdução à História do Jornalismo Cearense**. Edição fac-similar. Fortaleza: Nudoc, 2006.

OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que eu conheci**: verdadeira história de Juazeiro do Norte. Recife: FUNDAJ - Editora Massangana, 1989.

PACHECO, Rodrigo Schoenacher. **Design de jornal impresso**: a relação entre formato e usabilidade. Dissertação (Mestrado) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Escola Superior de Desenho Industrial, 2011.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri**: seu descobrimento, povoamento, costumes. Fortaleza: s. ed. 1950.

ROMANCINI, Richard. História e jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa. *In*: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 23 – 47.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.